

# BIBLIOTECA INFANTIL E O "CACHORRO PACHECO"

Ana Maria Vargas<sup>1</sup>

*Era uma vez...*

Cheguei ao INES em 1991, através de concurso, trazendo na mala muitas expectativas, curiosidades, vontade e preocupação em saber "como corresponder profissionalmente às necessidades do instituto?". Foi então que Suely, a supervisora do setor que atendia as classes de alfabetização e 1ª Série, falou da necessidade de elaboração e execução de um trabalho que envolvesse as crianças com experiências de leitura através da literatura infantil em particular, e outras. Para mim, foi ótima a proposta, pois tinha em minha bagagem curricular o curso de formação de professores e o de Comunicação Visual EBA/UFRJ (dependendo apenas da execução de um projeto para concluir a graduação). Havia escolhido este curso porque sempre pensei em criar recursos visuais adequados e inovadores para facilitar e estimular o processo ensino/aprendizagem. O papel do comunicador visual é criar soluções para que as mensagens possam ser visualmente enviadas, da maneira mais simples possível, preservando a integridade significativa da mensagem, para isso analisa o receptor, o conteúdo da mensagem e constrói a imagem, utilizando-se da cor, da escala, da forma, da tipologia, dos signos, do processo de comunicação, etc.

Foi uma grande oportunidade para mim, agradeço ao INES por isso, poder tornar realidade a biblioteca infantil e desenvolver um trabalho com um olhar muito especial de professor comunicador visual junto a um aluno/cliente especial.

Criar uma atividade complementar aos alunos das classes de alfabetização e 1ª Série que favorecesse as crianças vivenciarem histórias da literatura infantil e o manuseio dos livros, de forma a dar significado ao aprendizado da leitura e da escrita.

## PRIMEIRAS NECESSIDADES

Sem modelo para formar a base inicial do trabalho, com um pequeno acervo literário, já arrebanhado pelo Instituto, num espaço de 12m<sup>2</sup>, em aproximadamente um mês de estudos sobre aquisição da aprendizagem, desenvolvimento da leitura e da escrita, a análise das diversas metodologias apresentadas pelos professores das turmas e tendo observado que o perfil do aluno envolvia: defasagem auditiva e na comunicação oral, nesta faixa etária estavam ainda começando a construir sua língua de sinais, diversidade nos comportamentos, nos interesses, nas competências, a constatação de que as experiências e o acesso ao livro e à literatura em geral em seu cotidiano familiar e escolar eram praticamente inexistentes, e que a criança surda

<sup>1</sup>Formada em Comunicação Visual — UFRJ. Professora de surdos/Secaf/INES

apresenta uma compensação neurológica natural dos sentidos da visão e do tato.





Bem, com estas referências e através da comunicação visual, criei estratégias visuais persuasivas e montei a primeira biblioteca infantil com atividades de dinamização de leitura.

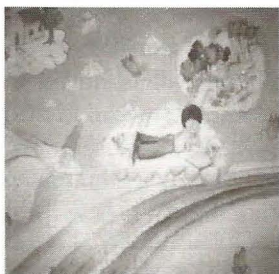
Não adotei nenhuma metodologia especificamente, preferi garantir um olhar autêntico para o trabalho. Comecei os atendimentos a 19 turmas com um tempo semanal de 50 min e a clientela variava na faixa etária entre 6 a 14 anos. Como podem ver, havia uma diversidade a considerar, e a bem da verdade, resolvi que este trabalho, deveria passar por uma fase de coleta de dados, análise e observação durante as interações das crianças com o ambiente de leitura.



## A IDENTIDADE VISUAL

Para lançar a biblioteca como uma atividade dinâmica e inovadora aos olhos dos alunos, rompi as paredes com grande cenário alusivo a crianças lendo e brincando em meio a natureza, bichinhos de estimação, arco-íris, fada fazendo cascatas de letrinhas... Elaborei crachás para agilizar as mediações e já provocar a leitura dos nomes dos colegas, um livro de frequência tendo no alto de cada página uma tarja com desenhos de um menino fazendo em língua de sinais as indicações do preenchimento (NOME — NÚMERO — TURMA — LIVRO QUE LEU), placas distribuídas pelo espaço, com a palavra escrita+imagem sinalizando aos alunos a diversidade de literaturas disponível.

					
Nome		Número	Turma		Livro que leu







## VALORIZAÇÃO VISUAL DOS LIVROS

Os livros já trazem uma comunicação visual elaborada pelo ilustrador por meio da capa e das ilustrações, mas se colocados lado a lado na estante anula o efeito persuasivo próprio das capas, além de causar o constrangimento nos alunos que receiam retirá-los do lugar e desarrumarem a sala. A solução foi expor os livros como se estivessem nas vitrines de auto serviço, ou seja, os livros foram expostos com as capas voltadas para frente, outros com as páginas abertas exibindo suas ilustrações, e para sugerir a idéia de que o livro participa ativamente de nosso cotidiano, outros foram pendurados em varais, rentes às paredes.

O cenário colorido integrado ao ambiente, as capas e as páginas ilustradas tornando o panorama visual rico em cores e formas e o modo descontraído e irreverente da disposição, fazem com que os livros praticamente saltem para as mãos dos leitores e evitando o surgimento de paradigmas que possam dificultar a busca e o interesse pela leitura.

## AS PRIMEIRAS ATIVIDADES E O “CACHORRO PACHECO”

Com a chegada dos alunos a um espaço colorido, contrastante com as outras atividades, a exibição dos livros e a liberdade de investigação, a proposta foi um sucesso nítido, pelo brilho nos olhos, as expressões de alegria, de encantamento, a ansiedade em compartilhar com o colega suas descobertas, opiniões e surpresas... Nossa!, como fui cutucada. Durante os quatro primeiros atendimentos as atividades foram livres, facilitadoras das relações do aluno com o ambiente de leitura. Mas, percebia-se que apesar do interesse dos alunos, as leituras aconteciam de modo disperso, por exemplo: de partes dos livros. Com a mesma empolgação que abriam os livros, na mesma hora partiam ao encontro de outro, e também reparei que quando o livro era velho, sem muitas cores este era imediatamente descartado. Surgiu então a primeira atividade de dinamização de leitura.

“PACHECO, O CACHORRO GIGANTE”. Lembro-me muito bem, este livro estava bem amarelado, com a capa solta e as ilustrações eram grandes, mas só tinham duas cores (preto e vermelho), esta atividade foi dinamizada com todas as turmas, guardo até hoje as observações anotadas dos resultados em cada turma. Aconteceu assim...

“Juntei uma pilha de livros no colo, fiz a primeira rodinha com os alunos sentados no chão e sentada numa cadeirinha com uma lixeirinha ao lado, com um dos livros na mão mostrei e perguntei aos alunos:

— Você gosta deste livro?

(Fazendo um recorte em meio a esta narrativa, não posso deixar de citar um detalhe importantíssimo. Na época, eu desconhecia completamente a língua de sinais. E agora, como se faria a comunicação diante de temas tão diversos? Mas pensei, não tenha medo Ana Maria, o simples manifesto para se comunicar, já oferece soluções naturais para que a comunicação aconteça. E que boa surpresa eu tive! Além das expressões facial e corporal, mímicas, gestos, desenhos, etc...Pude constatar que no decorrer da atividade o próprio livro com suas ilustrações garantiu uma imagem que pode ser compartilhada pelo grupo dando margem a variadas indagações, sem que ocorresse a perda do enredo da história. Em resumo, foi um verdadeiro triângulo amoroso que começou nesta história e continua até hoje, ALUNO < > LIVRO < > PROFESSOR.)

Retomando a narrativa, se a maioria gostasse do livro, eu o colocava em destaque na estante, se não gostasse eu jogava na lixeira. É claro, que o “Cachorro Pacheco” foi para o lixo. Mas, eu os surpreendi com uma expressão de profunda tristeza e penar e com gestos de corinho com o livro, tornei a perguntar: — Por que querem jogar este livro fora? Eles me responderam com gestos e expressões que indicavam que o livro era feio, estava com a capa solta, e sujo. Insisti, abracei o livro e pedi ao grupo para me darem a chance de mostrar o livro a eles (como os alunos, eu também desconhecia a história ), foi aí que para amenizar a minha dor eles consentiram que eu contasse a história.

Com muito entusiasmo, explorei cada página daquele livro amarelado, e nos encantamos com a grande afetividade que a menina, dona do cachorro tinha por ele e gargalhamos muito com os inconvenientes que ela passava para cuidar e brincar com aquele CACHORRÃO...

Conclusão, no decorrer da história os alunos se desprenderam dos preconceitos contra livro velho, sem colorido, me indicaram um vidro de cola para resgatar a capa e retiraram os outros livros da lixeira. “Pacheco, o Cachorro Gigante”, foi o livro com que introduzi a atividade de “contar estórias”, que despertou a afetividade pelos livros e principalmente deu significado a proposta da biblioteca infantil fazendo com que os alunos aumentassem seu interesse durante a exploração da literatura disponível.

Esta história não acaba por aqui...